

“Uma Vez, Nada Mais”, atualmente realizado pelas atrizes Aícha Marques e Lulu Pugliese, estreou em 2009, na Bahia/ Brasil, sob a direção de Hebe Alves. A peça é fruto de uma longa pesquisa que começou em 1990, Roteiro criado por Aícha Marques, Hebe Alves e Maria Menezes.

A pesquisa se deteve na prática das variações de ritmo e outras qualidades de movimento, entrando no universo da ‘câmera lenta’ e da ‘câmera rápida’, recursos narrativos próprios da arte cinematográfica, para utilizá-los na composição de seus desempenhos e na elaboração da cena teatral. A peça resulta de uma minuciosa pesquisa sobre movimento, linguagem corporal e dramaturgia física. “Uma Vez, Nada Mais” apresenta uma construção cênica com ênfase no trabalho corporal e trás uma estética que transporta o público para a linguagem cinematográfica do início do cinema, rica em códigos narrativos e em dramaturgia física, o espetáculo faz uma homenagem ao cinema mudo, mas também ao cinema de modo geral e as telenovelas brasileiras. “Uma Vez, Nada Mais” conta a história de duas mulheres que vivem as aventuras e desventuras do trajeto amoroso. Numa concepção que comenta de modo bem humorado “a tragédia amorosa”; tema de grandes produções de uma época vivida pelo cinema e pela dramaturgia de todos os tempos. O cenário é funcional, prezando pelo preto e branco, a música compõe quase que um terceiro ator no palco, pontuando e ritmando a cena, com harmonia. Mais do que um espetáculo divertido, “Uma Vez, Nada Mais” traz um suave olhar para o gênero feminino.

O espetáculo discorre sobre o mundo feminino, suas intimidades, seus sentimentos e dúvidas diante do amor. A dramaturgia se desenvolve através do contraste entre a visão da mulher “realizada” que, supostamente encontrou “o amor”, em contraponto com a outra personagem da trama que, deprimida e sozinha, se refugia em seu trabalho e se apoia na amizade de uma “felizarda” cliente para esquecer que foi abandonada. Uma época de romantismo, marcada pela febre do rádio, comerciais, músicas de cantores e divas da época, está presente em “Uma vez, Nada Mais”. Referências às antigas novelas, os melodramas e as dublagens de qualidade duvidosa. Tudo, harmoniosamente usado para criar no espectador “uma leve aura de saudade”. O melodrama, muito explorado nas telenovelas, ganhou leveza e sofisticação imprescindíveis na garantia da empatia do público com o espetáculo “Uma Vez, Nada Mais”. A presença da linguagem do cinema mudo – a linguagem das imagens, que é universal, sem a necessidade de tradução – amplia a possibilidade de recepção do espetáculo por plateias de todo o mundo.

O espetáculo aborda o relacionamento amoroso, suas expectativas e esperanças que alimentam a alma de quem espera ser “aceito e amado”, numa leitura contagiante da percepção feminina do amor através de uma narrativa romântica. O espetáculo e a prova material de que é possível fazer das novas formas de linguagem uma arte que encanta, seduz e agrada o público.

- Valorizar as novas formas de linguagem teatral;
- Levar o público a “um retorno ao passado”, (década de 30 e 50), numa leitura contemporânea sobre um tempo que não existe mais;
- Instigar a reflexão sobre as mudanças nos relacionamentos amorosos;
- Situar a MPB como um estilo musical que deu novos rumos ao mercado fonográfico brasileiro.

“Uma Vez, Nada Mais”, atualmente realizado pelas atrizes Aícha Marques e Lulu Pugliese, estreou em 2009, na Bahia/ Brasil, sob a direção de Hebe Alves. A peça é fruto de uma longa pesquisa que começou em 1990.

A trama do espetáculo se constrói de forma lírica, irônica e bem-humorada. As personagens dessa história, interpretadas pelas atrizes Aícha Marques e Lulu Pugliese, são uma costureira pobre que sofre pelo amor não correspondido e a cliente dela, uma mulher rica, que está prestes a concretizar o sonho de casar. “Uma Vez, Nada Mais” lança mão da estética do cinema mudo, propõe um passeio pela era de ouro do rádio e por antigas novelas de TV.

Em cena, duas mulheres apaixonadas e sonhadoras, cada qual com sua sorte e seu destino. O espetáculo se propõe a discorrer sobre o mundo feminino, suas intimidades, seus sentimentos e, principalmente, suas dúvidas diante do amor. A encenação lança mão de referências próprias da linguagem cinematográfica e é fruto de pesquisa iniciada pela diretora com as atrizes ainda no ano de 1990.

“A investigação envolveu prática de variações de ritmo”, explica a diretora Hebe Alves, “foi uma busca por outras qualidades de movimento, entrando no universo da ‘câmera lenta’, por exemplo,

um recurso narrativo próprio do cinema.” A montagem também tem toques de chanchada, do cinema impressionista alemão e francês e do melodrama característico das novelas brasileiras nos anos 70 e 80.

Outro ponto de destaque na peça é a trilha sonora montada a partir de sucessos de grandes bandas americanas de jazz e canções nacionais que marcaram época nos anos 1930 a 1950. Quase um terceiro ator no palco, a música pontua e ritma a cena com harmonia. A peça, que estreou em 2009, na cidade de Salvador (BA), é sucesso de público e de crítica. Naquele ano, o trabalho ganhou o Prêmio Braskem nas categorias de Melhor Espetáculo e Melhor Atriz, recebendo indicação também pelo destaque da direção. Em 2010, o espetáculo ganhou o Prêmio Beija-Flor, de Júri Popular, no Festival de Guaramiranga e fez temporada internacional em 2016 passando por Alemanha e Portugal.